



VISTA DO PORTO DE PERNAMBUCO.

PERNAMBUCO é uma provincia do Brasil e um porto de mar deste imperio, situado por  $8^{\circ}$  latit. S. e  $34^{\circ} 50'$  long. O., contados do meridiano de Greenwich. Consta a capital de duas povoações; a cidade do Recife e a cidade de Olinda, entre si distantes menos de tres milhas, quasi uma legua. Na primeira ha tres bairros differentes: o do Recife propriamente dito, o de Santo Antonio, e o da Boa-Vista. O primeiro destes bairros jaz na ponta sueste d'uma península baixa e arenosa formada pelas embocaduras de dois rios pequenos, o Capibaribe ao sul, e o Biberibe ao norte: sendo contiguo ao porto é o local do commercio: veio-lhe o nome do recife de penedia que fórma o porto, e se estende ao longo de toda a costa da parte saliente do Brasil, desde a Bahia ao sul até o cabo de S. Roque ao norte. Fronteira á cidade corre a cadêa de rochedos parallela ás praias e quasi 80 braças arredada, e parece uma larga muralha baixa, elevada obra de cinco a seis pés acima da marcação da baixa-mar: este recife, que é perpendicular da banda da terra, declina gradualmente para o mar largo, e é interrompido por uma abertura norte da extremidade septentrional da povoação: esta é a entrada estreita do porto. Da banda de dentro do recife o mar é manso, e os navios ficam bem abrigados. O porto divide-se em duas partes por um banco d'arêa: a meridional, chamada Porto do mosqueiro, é só procurada pelas embarcações que não demandam mais de 14 pés d'agua: os vasos maiores ficam no ancoradouro do norte, fronteiro á entrada, que se chama Poço, e algumas vezes é exposto ás agitações do mar, particularmente nas marés altas, ou cabeças d'agua.

As casas não são mal construidas; a rua das Cruzes, que é a mais larga, tem bons edificios: os armazens e lojas são bem fornecidos, e com bastante

capacidade; do Recife dá serventia uma ponte de pedra para o bairro de Santo Antonio, o qual é situado na parte occidental d'uma ilha, formada por dois ramos do Capibaribe; tem ruas melhores que o Recife, mas não calçadas, e muito areentas: uma pequena praça, rodeada de casaria limpa, fórma uma especie de bazar, que consiste em muitas lojas e vendas bem providas de varios generos. O palacio do governador e a pagadoria são neste bairro. Esta parte é unida ao bairro da Boa-Vista por uma ponte, quasi toda de madeira: é elle construido irregularmente n'um chão ondulado, tem-se augmentado muito ultimamente, erigindo-se muitas habitações ao modo do paiz, cercadas de pés de coqueiro. Como porem a maré entra pelos rios alguma distancia acima dos locaes dos tres bairros, a agua não é boa para beber: por isso construiu-se um reservatorio ou deposito, proximo a Olinda, formando uma especie de barreira, chamada *varadoiro*, atravez do rio Biberibe, que impede o ulterior progresso da maré, e accumula acima a agua fresca e doce: esta barreira tambem serve de ponte ou passagem para Olinda. Daqui se leva em canoas a agua para o Recife. Nesta povoação ha um estabelecimento d'aulas de latim, philosophia, rethorica e poetica.

Olinda está situada n'um ajuntamento d'eminencias que vão prender nas montanhas mais ao oeste. Sempre foi consideravel cidade, mas parece que ha dois seculos tem declinado. É bem edificada: o paço episcopal está bellamente situado; possui um gymnasio d'estudos, e um jardim botanico, onde ha muitas plantas exoticas, especialmente trazidas da Asia: contem umas mil e duzentas casas com 8:000 habitantes, entre os quaes ha muitos proprietarios opulentos. A cidade do Recife tem de população 60:000 almas; os seus moradores se empre-

gam principalmente no commercio, que em o numero dos seus membros conta muitos negociantes ricos: o bairro de Santo Antonio, o mais populoso dos tres, em grande parte é habitado por officiaes fabris: nelle está o theatro, e o mercado principal.

O porto de Pernambuco, que é bem fortificado do lado do mar, é o mais frequentado em todo o imperio brasiliense, depois do Rio de Janeiro e Bahia de Todos os Santos. As exportações deste porto em 1828 consistiram em 1:513:120 arrobas d'assucar, 35:400 fardos d'algodão, 53:000 couros, 200 cascos de aguardente de canna, afora outros generos menos importantes, como drogas, pau brasil, &c. No mesmo anno importou 40:000 barris de bacalhau, pela maior parte ido d'Inglaterra, 24:000 barricas de farinha dos Estados-Unidos e Alemanha, 10:000 pipas de vinho, 300 de aguardente do reino, 400 de azeite, 600 cascos de vinagre, grande quantidade de fazendas manufacturadas, especialmente inglezas de algodão, e de seda da França e China, com outros objectos de menos monta. O numero de navios que annualmente sahem de Pernambuco para a Europa e Norte-America anda por duzentos.

A 14 de Fevereiro de 1630, quando pesava sobre este reino e seus dominios o fatal jugo de Castella, uma armada hollandeza de 67 velas e 4:000 homens de desembarque ás ordens de Theodoro Vanderburg appareceu á vista de Pernambuco. Contra forças tão superiores não pôde conseguir victoria a resistencia, zelo e valor de Mathias d'Albuquerque, que apesar de disputar a passagem do Rio-Doce, e de querer defender o Recife, desamparado em grande parte pelos habitantes, que fugiam para o sertão, teve de retirar-se entregando primeiro ás chammas aquella rica povoação, anniquilando-se no incendio o valor de quatro milhões, fraudada assim a cubiga dos invasores. Conservou ainda o Albuquerque com incrível constancia a voz pela legitima soberania, n'uma eminencia a uma legua das fortificações do inimigo, em o forte que levantou e a que poz nome Bom Jesus, e persistiu na defensiva até Julho de 1635, espaço de mais de cinco annos, até que tendo chegado soccorro mandado por elrei de Castella, abrindo caminho e desbaratando duas vezes os contrarios conseguiu encorporar-se no sitio das Alagôas no conde de Banholo que viera da Europa em auxilio: rendido porem por D. Luiz de Roxas e Borja, porque o governo queria empregar castelhanos, fez a jornada por terra recolhendo-se á Bahia. Dahi em diante continuaram os hollandezes com prosperos successos, senhores de quasi toda a capitania, tendo á sua frente João Mauricio, conde de Nassau, official experimentado e politico prudente. A armada que sahiu de Lisboa em 1633 sob as ordens do conde da Torre, de pouco aproveitou, porque depois de ter perdido por doenças mais de mil homens na estação em Cabo-Verde, e pelejado com a frota hollandeza na barra de Pernambuco com pouco damno de parte a parte, desembarcou no porto do Touro mil soldados, mandados por Luiz Barbalho, mestre de campo, e abandonando-os seguiu viagem para as Indias de Castella, como então chamavam á America hespanhola. Barbalho nesta conjuncção, sem forças para commetter grandes empresas, fez assim mesmo cousas, que parecem incriveis; abriu caminho pelo sertão, rompeu quartéis e ciladas dos hollandezes, vadeou rios, soffreu fomes e assaltos continuos, e conseguiu depois de dilatada e perigosa jornada atravessar pelos mattos até a Bahia, onde chegou com grande parte da sua gente.

Progreddiu o dominio hollandez em Pernambuco até o anno de 1654, em que a provincia ficou de

todo restaurada; porem a guerra do seu resgate começou em 1645, intentada pelo intrepido João Fernandes Vieira, cognominado o Castrioto Lusitano, leal portuguez, filho da ilha da Madeira, desinteressado homem e valoroso capitão, cujas acções heroicas não repetiremos aqui, pelo termos feito quando démos o seu retrato a pag. 241 do vol. 3.<sup>o</sup> Foi este, com os dois auxiliares que procurou, o indio D. Antonio Camarão e o preto Henrique Dias, o principal instrumento da liberdade de Pernambuco, e da restituição deste territorio á corôa portugueza. Neste intervallo de nove annos se praticaram acções de valor e constancia, dignas de memoria. Logo naquelle anno de 1645 encetou-se a campanha com felizes auspicios; tendo chegado da Bahia com socorro André Vidal de Negreiros, tomaram os nossos a fortaleza do Pontal da Nazareth, e pouco depois o forte de Santa Cruz, que os hollandezes tinham entre o Recife e Olinda, n'uma restinga d'arêa que divide do mar as aguas do rio Biberibe; e do mesmo modo a fortaleza de Porto-calvo: os moradores do Rio S. Francisco, 60 leguas pela terra dentro, levantaram-se, e sendo soccorridos tomaram e arrazaram o presidio hollandez. Dois mancebos arrojarão-se a ir lançar fogo a dois grandes navios inimigos, surtos no porto do Recife: entraram n'uma jangada no rio Biberibe de noite, saltaram em terra, e carregando a jangada aos hombros a foram, atravez d'uma restinga arenosa, deitar ao mar junto do Recife, arrimaram-se aos navios, pozeram fogo a um com artificios preparados; este ardeu e o mesmo succederia a outros se houvesse vento. Acudiram os hollandezes, mas os dois animosos moços, valendo-se da confusão dos barcos, tornaram a tomar terra, a carregar com a jangada, e atravessar o rio; teve porem um delles a infelicidade de lhe varar uma perna com tiro d'espingarda uma nosa sentinella que os não conheceu: chamava-se João Tavares de Muribeca, e breve convalesceu, ficando apto para novos serviços.

Sem nos determos em narrar o memoravel sitio do Recife e outros varios successos, mencionaremos a primeira e gloriosa batalha campal dos montes Gararapes (\*), a 19 d'Abril de 1648, mandadas as tropas, contra o vanglorioso Sigismundo e seus cabos de guerra, por Francisco Barreto, mestre de campo general do Brasil, André Vidal de Negreiros, e o celebre Fernandes Vieira com os dois companheiros que dissemos: os hollandezes deixaram no campo acima de mil mortos, tomaram-se trinta e tres bandeiras, e a consequencia desta acção foi a recuperação da cidade, então villa, de Olinda. Os mesmos capitães portuguezes com 2:600 homens ao todo, entre brancos, indios e pretos minas, ganharam contra seis mil hollandezes segunda e não menos importante victoria nos Gararapes em Fevereiro de 1649; nella pereceu o coronel Brink, que governava os contrarios, com quasi a terça parte da sua gente.

Finalmente, continuada a guerra com prosperos successos para as nossas armas, abatidos o orgulho e os recursos dos inimigos, estreitado o sitio do Recife, tomados muitos dos seus fortes, desbaratados em varios recontros, no anno de 1654 capitulou Sigismundo, e assignaram-se as estipulações da entrega de Pernambuco a 26 de Janeiro, e no dia seguinte tomaram os nossos posse da praça, onde alem de munições e mantimentos para mais d'um anno, e

(\*) Esta palavra na lingua dos gentios significa *estrepito de golpe*; originando-se do ruido que fazem as aguas do inverno pelas concavidades daquelle sitio. *Port. Rest. Tom. 1.<sup>o</sup> pag. mihi. 670.*

de muitos aparelhos nauticos, acharam 123 peças d'artilharia de bronze e 170 de ferro.

O mestre de campo André Vidal, encarregado de trazer ao reino tão feliz nova, fez prospera viagem, entrou a barra de Lisboa, e saltou em terra no dia de S. José, anniversario do nascimento do Sr. rei D. João 4.<sup>o</sup>

#### UMA TYPOGRAPHIA EM LONDRES.

O ESTABELECIMENTO de MM. Clowes, impressores do importante jornal, publicado aos trimestres, a *Quarterly Review*, é situado nas margens do Tamisa, entre as pontes de Waterloo e de Blackfriars; e pôde servir para dar uma idéa da importancia e estado da arte impressoria em Inglaterra; posto que hajam outros estabelecimentos immensos; como as officinas dos principaes jornaes politicos, o *Courier*, o *Times* e outros, que occupam centenas de pessoas, e que tem uma vastidão e movimento industrial, que assombra a quem não reflectir na enorme quantidade de livros, folhetos, e gazetas, que sahem diaria e annualmente dos prelos inglezes; alluvião que só pôde comparar-se com a pasmosa fecundidade das imprensas francezas. Das publicações periodicas, que sahem á luz em Londres, démos uma abreviada estatistica a pag. 61 do vol. 2.<sup>o</sup>: e dahi pôde colligir-se quão dilatado é este ramo artistico e litterario.

Entrando no pateo do edificio, que occupam MM. Clowes, fica á esquerda o escriptorio, á direita a fundição de typos, as maquinas de vapor e os armazens de papel; e defronte está a casa dos compositores e dos revisores ou correctores de provas, e que se compoem de cinco amplos salões, em dois andares: a sala maior tem duzentos pés d'extensão. Se entráis nella descobrireis d'um e de outro lado sessenta cavalétes sôbre quatro pés, sustentando as caixas dispostas em plano obliquo, divididas em repartimentos, chamados caixotins, onde separados repousam os caracteres, que reunidos por mão habil são os elementos de um livro, e de muitos livros. Nesta casa ha um relógio de parede, fiel companheiro do trabalho, que com sons exactos á proporção que marca as horas annuncia o incremento dos xelins para a algibeira do operario. Na parede fronteira ás janellas vê-se pendurado o regulamento, que fixa as quantias com que contribue por semana cada official para o fundo commum de auxilios para os que adoecem, ou para se lhes fazer o enterro. Palmo e meio por baixo do soalho da casa gira um tubo, aquecido pelo vapôr, immensa cobra de metal fundido, que circula por todo o estabelecimento e o abraça com suas infinitas roscas; se fosse estendido em linha recta tinha de comprimento tres quartos de milha: não tem luxo, nem enfeites, é solido e util: durante os mezes rigorosos do anno recebe mais louvores intimos e mais sinceros testemunhos de admiração que o fausto de grandiosos palacios.

Todos os dias pela manhã cedo é a casa varrida por dois ou tres rapazes, que ainda não são diabos, mas que o hão-de vir a ser. Tal é o noviciado dos que se destinam a aprendiz; e estes ultimos são designados pelo termo adoptado, *printer's devil*, *diabo do impressor*. O lixo que se ajunta é passado por um crivo de folha de ferro, que dá sahida ao pó e terra, e retem os typos, semeados pela inexperiencia dos aprendizes ou pelo desmazêlo dos descuidados.

Chegam cedo [oito horas] os compositores, e de ordinario, primeiro que tudo, almoçam na officina o seu chá ou caffè: é de notar que os officiaes ás vezes se ajustam a comida, o que não acontece em

Portugal. Á nutrição corporea segue-se o alimento intellectual: entra o distribuidor do jornal da manhã, e entrega a folha: a assignatura é paga por via de rateio entre os officiaes. Algumas vezes, um, a quem os outros indemnizam do tempo que perde, sentado n'um móxo no meio da sala lê em voz alta não só o jornal, mas tambem fragmentos d'alguns livros novos: os mais vão trabalhando e ouvindo: compoem e criticam. Como elles repartem a attenção por tão diversas operações, não o sabemos; o certo é que realisam este phenomeno.

Reparai agora no trabalho: lá apparece um compositor que bole com todo o corpo, que não toma um typo sem torcer-se, que sua e tresua: . . . mau official! Perde muito tempo, e cansa as forças. A summa habilidade da sua profissão depende da rapidez do lançar d'olhos, da agilidade dos dedos, e da flexibilidade dos braços: toda a sua acção deve concentrar-se na parte superior do corpo: o bom official não arreda pé, faz voar em todas as direcções a mão, guiada pelo relance da vista, segura, attenta e vigilante.

A caixa do compositor contem geralmente cem libras de metal repartidas diversamente: isto é, cada letra maiuscula, cada letra minuscula, cada signal orthographico, cada algarismo, os espaços, os quadratins, &c. estão em seus separados caixotins. A parte superior, ou caixa-alta, divide-se em 98 repartimentos iguaes, e a inferior, ou caixa-baixa em 53 caixotins desiguaes: nos maiores acham-se as letras, que mais se reproduzem na lingua ingleza: por exemplo a letra *e*, que se reproduz sessenta vezes no mesmo espaço em que apparece uma só a letra *z*; esta letra *e* chamam-lhe a *rainha*; e com effeito á vista das mais occupa um palacio: ao pé e como seus acolithos achas *a, c, d, h, i, m, n, o, r, s, t, v*; e mais ao longe *b, f, g, k, l, p, w, y* como menos autorisadas: e emfim confinadas em alojamentos remotos, onde o compositor as vai buscar quando precisa, *j, q, x, z, æ, œ*. Os livros latinos e francezes engolem muitos mais *c, i, l, m, p, q, s, v, u* que os livros inglezes; e os portuguezes todas as vogaes quasi com igualdade, predominando das consoantes *t, n, r, d, s, m, c*, todas as outras ficam mais afastadas da vista do compositor, e occupam caixotins tanto mais pequenos quanto é menor o uso que dellas faz.

Os caracteres que já serviram para compôr uma obra impressa, desfeitas as paginas ou fôrmas entram de novo um por um nos caixotins das caixas: a esta operação chama-se «distribuição.» Se os caracteres se misturassem e confundissem, como quando se atiram os typos cansados ou partidos para o metal, segundo o termo tecnico, isto é, a um monte, donde sahem com infimo prego afim de se refundirem, esta desordem exigiria o sacrificio d'immenso tempo para reconhecer-se o valor de cada letra ou signal de per si, e se collocarem nos seus logares respectivos. Obvia-se a este inconveniente conservando a pagina inteira, que se desmancha tomando o compositor umas poucas de regras ou linhas: basta-lhe lêr uma destas, ou uma phrase, e logo o duplicado jôgo da memoria e da mão faz cahir cada typo dentro do receptaculo especial, que o espera: e o mais é que pôde conversar e fazer este trabalho. Um bom official, conforme se calcula, distribue quatro mil letras por hora: operação que lhe custa menos tres vezes de tempo que a composição. Mas isto não deve admirar, porque todos os que ganham e dispendem dinheiro sabem muito bem que se gasta vinte ou trinta vezes mais depressa do que se ajunta.

O trabalho do compositor é comparavel ao tormento de Sysipho, de quem fabulavam os pagãos que es-

tava condemnado no averno a rolar um pesado rochedo por uma serra abaixo, mas assim que chegava a traze-lo á falda logo o via de novo posto no pinaculo da montanha. A vida do compositor é fazer e desfazer para de novamente compôr. A distribuição é o ensaio dos aprendizes, depois de aprenderem de cór as casas da caixa.

O compositor commette erros, ou pela má distribuição que fez ou lhe fizeram, ou por inevitaveis descuidos; [não fallámos dos que mal sabem orthographia e dos desattentos] é portanto necessario *que se emende*: tarefa, tão desagradavel e fadigosa em objectos de typographia como na moral. E alem disso está sujeito aos additamentos e substituições do auctor, a quem manda uma próva, tirada á mão com uma tal batuta que parece ao longe cosinheiro a picar bifes. Deus sabe que tratos e voltas deu ao juizo e quantas vezes esbugalhou os olhos o official para decifrar um manuscripto meio-illegivel, para depois se ver constringido a reconstruir a sua obra pelas alterações, emendas e codicillos do escriptor. Já appareceram próvas d'auctor de tal modo cheias de chamadas, asteriscos, cruzinhas singelas e dobradas e jeroglyphicos que o texto sumia-se afogado naquelle diluvio de correcções. Portanto assim como um dos dotes physicos do compositor é a boa vista, uma das suas virtudes é a paciencia.

Deixai agora os sessenta habitantes do salão grande: passai ao cubiculo do revisor das próvas, a que em Inglaterra chamam *leitor*; condemnado, ou, mais claro, ligado á mais escrupulosa e assidua attenção, este homem soffre tanto com os aprendizes e maus compositores, como padecem com os auctores impertinentes os bons compositores. Qual forçado na galé, ha-de impreterivelmente sentar-se no banco quando se lhe appresentam as tiras de papel pardo, chamadas graneis, em que se estampam as próvas: improbo, enfadonho e ingrato como é o seu trabalho, não recebe do publico applausos, mas colhe em abundancia pragas e descomposturas pela menor negligencia: a mais perseverante applicação, o mais feliz resultado da sua tarefa só lhe appresentam a perspectiva d'uma tranquillidade obscura. E todavia o eruditissimo Erasmo foi revisor; o historiador Goldsmith corrigia as próvas do impressor Richardson que escreveu a *Clara Harlow*: o profundo Franklin foi compositor e revisor.

Em Londres, sentado ao pé do corrector, um rapaz lhe vai lendo o original, sem que o entenda: mas em Portugal o revisor pelo commum não tem cyreneu, abraça-se com a sua cruz, e todo identificado com a pagina, que tem diante, armado d'uma penna grossa, vai cotando com signaes á margem os flagellos da sua paciencia, que são outras tantas pedradas reflectidas no compositor. É ouro sôbre azul, se tem de lêr as próvas de jornaes diarios e por frias e longas noites d'inverno. — Mas voltando ao inglez vai o bom homem salmeando no mesmo tom, em côro com o rapaz, poesia e prosa, romances e sermões, estranho muitas vezes ao sentido dos periodos, como as nymphas e tritões de marmore dos jardins á perenne cascata d'agua espumosa, que vertem pelas bocas ou das urnas. Comtudo não é isto tanto assim que alem de corrigir os erros typographicos não tenha de marcar os descuidos do auctor. Não devem escapar-lhe os pleonasmos, os barbarismos, as phrases incompletas, &c.: não applica o remedio, mas indica a necessidade da cura. Deve não sómente saber a grammatica e orthographia, como tambem o valor relativo das palavras, conhecer linguas estrangeiras e ser versado na linguagem technica das sciencias e artes. Acima de todos os revi-

sores ha um proto ou ultimo revisor, a quem incumbe estender na folha as palavras sacramentaes: — *prompta para imprimir-se*: e assim mesmo o que não escapa pela malha! Sempre é obra em que ninguém póde ter basofia!

Descei agora ás lojas no corpo esquerdo do edificio donde sahe um mugido abafado, uma bulha profunda e contínua, como do trovão sopeado em as nuvens. Ao abrir-se a porta, vereis dezenove prensas gigantes, movidas a vapôr, dispostas em tres batalhões, que trabalham ao mesmo tempo. A evolução simultanea deste complicado machinismo, todos aquelles braços de aço, que se levantam, os rôlos de ferro, que rangem, as tiras de couro que giram tão rapidas em suas ellipses e espheroides, o estrodo regular como d'uma pendula, tudo infunde ao primeiro aspecto um certo terror; temereis que vos imprimam vivo. A alma de todos estes movimentos está n'um edificio separado, onde a machina a vapôr faz em silencio a sua laboração contínua. Vamos ás prensas que é o que nos pertence examinar, ainda que para bem se avaliarem seriam necessarias estampas, da mesma maneira que para a descripção dos prélos de trabalho braçal, de que usámos, apesar da sua simplicidade. —

A parte inferior de cada uma das 19 prensas a vapôr, de que fallámos, consiste n'uma meza ou taboleiro, em que nas duas extremidades se depoem as duas fôrmas ou quadros de ferro [a que os nossos impressores chamam ramas] que contêm as paginas destinadas á impressão do recto e do verso, ou, como dizemos, do branco e retirada; quando nas prensas manuaes é necessario tirar primeiro o branco depois a retirada. Pela agencia do machinismo os typos compaginados avançam e recuam horisontalmente com o taboleiro que os sustenta, e seguem cada uma das palpitações do gigante movido por vapôr. Por meio do seu movimento, sete rôlos embebidos de tinta tocam diagonalmente as paginas, que tingem, depois recuam por seu turno, e vão buscar tinta, de que logo hão-de precisar, a um grosso rôlo, que não cessa de girar. Este rôlo alimenta-se de uma enorme massa de tinta, tambem submettida ao movimento rotatorio; e tem o nome epigrammatico de *doutor*. Muito acima do taboleiro das fôrmas e rôlos, vereis dois grandes cylindros, forrados de flanela, e logo a par delles, n'uma especie de throno alto, um rapaz de oito para dez annos, que tem alli á mão uma serra de resmas de papel sobre uma meza, e mette, logo que o taboleiro se moveu, ao cylindro superior uma folha de papel, a qual, sujeita entre dois cordeis, segue instantaneamente a revolução do cylindro, vai buscar a primeira fôrma carregada da competente tinta, recebe a estampa dos caracteres, é logo tomada pelo segundo cylindro, volta-se com elle, appresenta o lado não impresso á segunda fôrma, e deixa-a para cahir nas mãos d'outro rapaz, collocado na outra extremidade da machina, o qual, á luz de gaz, tira a folha impressa e a empilha sobre as mais folhas. Por este admiravel processo, dois rapazes, trabalhando das oito da manhã ás oito da tarde, só com uma hora de descanso, imprimem mil folhas por hora, isto é, mil vezes dezeseis paginas com as gravuras em madeira que devem levar, e que são incorporadas e compaginadas com os caracteres. Uma só prensa a vapôr póde fornecer diariamente noventa e duas mil paginas de oitavo.

O andar superior é occupado por vinte e dois prélos ordinarios em que trabalham dois officiaes, que se revezam na ordem do trabalho; um dá a tinta nas fôrmas mediante um rôlo portatil, o qual sendo

ouco pelo centro gira sobre um varão de ferro, que é fixo pelas duas extremidades e pegado a outro varão paralelo, onde estão seguros os dois cabos de pau; o outro, dedicado a um trabalho gymnastico, colloca o papel no tímpano, que é uma moldura, onde a folha se estende segura pelas ponturas de ferro, cujos buraquinhos apparecem, antes d'encadernado o livro, na cruz em branco que formam as paginas; este tímpano abaixa-se ficando horizontal sobre a fôrma que descança no taboleiro ou tabuão, e mediante a acção da manivella que move o carro vai entrar com aquelle debaixo da acção da prensa; desanda-se com a manivella, corre ao seu lugar o taboleiro, ergue-se a frasqueta e tira-se a folha impressa. Ao lado do que dá a tinta ha uma especie de meza que n'uma das mais largas extremidades tem um rôlo que gira mediante uma manivella para tomar a tinta, a elle a vai tomar o rôlo que a distribue nas fôrmas, estendendo-a primeiro rolando sobre a meza, para que fique impregnada por igual toda a superficie do mesmo rôlo. Entre nós de ordinario os homens se não revesam, porque os misteres são distinctos, uns são impressores, outros batedores; é frequente porem o passarem estes com o andar do tempo ao exercicio daquelles. Para o uso das balas com que se dá a tinta, batendo d'alto a baixo, ha um tinteiro pegado ao prélo. Estes dois homens para a sua tarefa, alem de outras qualidades, devem ter muita destreza, agilidade, e tambem fôrça physica, porque o seu trabalho é violento.

As prensas a vapôr e os prélos manuaes de MM. Clowes trabalham ao mesmo tempo, e imprimem a Biblia em folio de Brown, o Quarterly Review, e outras dezoito obras de varia especie, que pela maior parte se distribuem aos quadernos, entre ellas a publicação popular, intitulada *Meio de viver com perfeita saude, riqueza e sabedoria*, que extrahе trescentos mil exemplares.

A juxta-posição d'uma fundição de typos propria adiantou muitissimo o estabelecimento de que vamos tratando. Não é necessario esperar pela distribuição das fôrmas, e isenta os auctores da quarentena por causa do desembaraço dos typos. Os redactores da Quarterly Review dizem que antes d'aquella fundição precisavam dar o original do seu volume tres mezes adiantados: que hoje podem seguir o curso dos acontecimentos, e conformar-se com o movimento rapido da civilisação, mandando na Terça-feira de manhañ todo o manuscrito, que ha-de apparecer na fôrma de livro no Domingo seguinte. Esta typographia conserva as fôrmas intactas por um anno se fôr preciso; e manda próvas onde se quizer, ás indias orientaes e occidentaes: por exemplo, imprime mensalmente uma publicação, indo as próvas a corrigir aos Estados-Unidos da America: o barco a vapôr as transporta; o mesmo as conduz promptas para lêr o publico europeu. Quer-se dar a segunda edição d'um livro?... Imprime-se com as fôrmas guardadas, e póde vender-se por preço muito mais baixo. N'uma occasião [e ha muitas semelhantes] os typos das fôrmas conservadas pesavam 160:000 lib. Nas caixas ha de ordinario 200:000 lib. de peso: afóra a prodigiosa quantidade de metal empregado nas fôrmas stereotypas, isto é, que não são compostas de caracteres móveis, mas sim umas chapas fundidas semelhantes aos moldes ou clichés das estampas estrangeiras, que damos no Panorama. Gravuras em madeira possui cincoenta mil, cujos moldes manda para a America. O processo da stereotypia é simples e curioso. Toma-se a fôrma, e tira-se o molde com gesso, fica uma nova fôrma sobre que se vasa o metal derretido e sahe uma reproducção de

todos os caracteres, que ficam permanentes: o cliché póde dar cem mil exemplares da obra, e muitos mais se a operação for feita com cuidado.

MM. Clowes tem dado edições stereotypas de tres biblias, quinze dictionarios, d'uma grande quantidade de tratados religiosos, e d'outras muitas obras de variados generos, como *D. Juan* de lord Byron, as *Meditações* de Hervey, &c., &c.

Outros trabalhos ha prévios ou posteriores á impressão, que se executam em casas proprias e proporcionadas a esses destinos, como o molhar o papel em que se ha-de imprimir, pôr a enxugar no estendal as folhas impressas, e depois d'enxutas alçar a obra, isto é, pelas assignaturas, ou numeração no baixo da 1.<sup>a</sup> pagina de cada folha, colligi-las e formar os volumes separados, que passam para a mão do encadernador.

Concluiremos com alguns calculos curiosos ácerca da typographia de MM. Clowes. O armazem de papel contem sete mil resmas formando pilhas de vinte pés d'altura. Por semana se imprimem mil e quinhentas resmas de quinhentas folhas, cada uma das quaes tem 189 $\frac{3}{4}$  pollegadas quadradas; se as estendessem uma por uma, as folhas occupariam o espaço de 1:230 milhas. A despeza do papel monta annualmente a um milhão de cruzados; e a da tinta a seis contos de réis.



BUSTO DE VIRGILIO.

Se quizessemos dar largas aos nossos desejos, e avivar as impressões da mocidade (\*) quanto não seria extenso este artigo tendo de fallar do mais excellente poeta do Lacio, que ainda é hoje o nosso mais estimado! Porem os harmoniosos versos do Mantuano são populares no vulgo dos eruditos; e ainda que as

(\*) Consignaremos aqui o nome do nosso mestre de latim, o P.<sup>o</sup> Francisco Justiniano Vaz de Carvalho, que fôra religioso carmelitano, e ao presente é fallecido. Demos este pequeno tributo de saudade e respeito á sua memoria; foi elle quem nos apontou e explicou as bellezas de Virgilio e d'ouros poetas.

traduções sejam retratos de morte-côr, numerosas e em muitas linguas as temos, nas livrarias da Europa, dos poemas deste príncipe dos romanos vates. Ocioso seria portanto escrever agora uma longa dissertação, quando todos com facil leitura podem conhecer os escriptos de Virgilio. — Incertos e duvidosos são os factos da sua vida particular; sabe-se, que era natural dos suburbios de Mantua, filho de paes humildes, que viveu na côrte de Augusto, de quem recebeu favores innumeraveis e inteira protecção, que foi amigo de Horacio e dos homens sabios do seu tempo, que fez uma viagem a Athenas, como prova a ode 3.<sup>a</sup> do liv. 1.<sup>o</sup> do Venusino, que foi de compleição debil, de natural mavioso e melancolico, que o estimaram os grandes, com especialidade Mecenas, que o applaudia o povo romano. Fixam os biographos a epocha do seu nascimento no anno 70 antes da era de Christo e a sua morte no 19 antes da mesma epocha. Que são porem os acontecimentos da sua vida particular, alheia da historia politica, á vista das primorosas composições, que legou á posteridade?.. Ao menos Horacio, o seu amigo, embrulhou-se nas dissensões civis, arremeçou o escudo na batalha de Phillipos, e porque não tinha genio para se enfurecer com as iras marciaes, abalou para Roma a desfructar as doçuras do ocio. Mas sempre se conta delle esta proeza: porem Virgilio, que dedicou a sua placida existencia toda ao commercio das Musas, nem tinha que basofiar com as suas campanhas, nem nós temos agora o trabalho de as referir.

Deixou as Eclogas, as Georgicas, e a segunda epopea do mundo, depois da Iliada de Homero. No seu poema didactico, que, assim como os interessantes dialogos e cantos dos seus pastores, nos faz amar a vida campestre, consumiu, segundo dizem, 7 annos de trabalho; muitos mais lhe levou a Eneida, e ainda a não julgava completa, porque se conta que antes da sua morte pedira o manuscrito para o queimar, ao que os seus amigos e o proprio Augusto Cesar se opposeram.

Virgilio no poema epico tinha um soberbo modelo, Homero, e em toda a parte em que o imitou o fez com grande felicidade. O illustre Pope traductor do poeta grego, apesar da predilecção pelo auctor, que vertêra no patrio idioma, faz justiça ao latino no seguinte parallelo. — « Homero tem mais genio; Virgilio mais arte. — N'um admiro o homem, no outro aprecio o artifice. Uma força victoriosa nos domina e subjuga na Iliada: uma certa magestade cheia d'attractivos nos allicia na Eneida. Homero offerece os seus thesouros com profusão generosa, Virgilio nos admite ao gozo dos seus com estudada magnificencia. O primeiro, semelhante ao céu, espalha as suas riquezas com frequentes inundações, o segundo dirige as suas como um rio placido e regular no seu curso. Quando lançamos a vista a esses combates travados nos dois poemas, vem-nos a tentação de comparar cada um dos poetas ao seu heroe. Homero, parecido com o impetuoso e férvido Achilles, fica victorioso de tudo o que se lhe appresenta; e á medida que o tumulto augmenta mais esplendido é seu triumpho. Virgilio dotado daquelle ardor prudente e reflexivo, caracteristico d'Eneas, é senhor de si no mais vivo da refrega, dispõe e manda tudo com presença d'espírito, e ganha a victoria sem mostras de perturbação. As machinas, ou agentes sobrenaturaes, que os dois epicos empregam, podem tambem dar-nos idéa das respectivas indoles ou genios destes insignes poetas. Em Homero vemos o Jupiter da Iliada, que no auge da colera abala o Olympo, incendia os céus, semea os raios, e faz bramir os trovões, Acharemos o emblema do genio

de Virgilio em o mesmo nume gentilico, quando, cheio de beneficencia para com os homens, delibera com as divindades subalternas, esboça o plano dos imperios, desenvolve os fundamentos destes, e tudo dispõe com perfeita sabedoria. — » Pope podia concluir que Homero agita tumultuosamente as paixões, e Virgilio insinua-se brandamente no coração dos leitores.

Voltaire, cuja competencia na materia ninguem disputará, diz que os numes obram na Eneida com mais juizo que na fabula do poeta grego. — « Ambos fallam da guerra de Troia; mas atrevo-me a dizer que ha mais arte e bellezas mais patheticas na descripção que faz Virgilio da tomada de Troia que em toda a Iliada de Homero. Clama-se que o episodio de Dido foi modelado pelo de Circe e o de Calipso, que Eneas desce ao averno á imitação d'Ulisses: compare o leitor as pretendidas copias com o original supposto, e notará a prodigiosa differença. Homero fez Virgilio, dizem alguns: se assim é foi a sua melhor obra. — »

Mui longe nos levaria a enumeração das bellezas da Eneida, que todavia como obra humana não é totalmente isenta de defeitos. Mas não podemos deixar de dizer duas palavras sobre uma opinião, que voga ha muito, de que os seis livros ultimos desta epopea são indignos dos seis primeiros. Pedantes grammaticões o disseram, e outros, que não eram tão pedantes, sem reflexão o repetiram. Para desengano dos que leem com os olhos meio-abotoados, e raciocinam e sentem por conta alheia, poremos aqui a decisão do respeitavel decano da litteratura moderna, o Sr. visconde de Chateaubriand. — « Os seis ultimos livros da Eneida talvez que contenham mais bellezas originaes, e que mais de propriedade pertencem ao talento de Virgilio, que os outros seis. Ha nelles um sem numero d'expressões affectuosas, de pensamentos suaves e melancolicos, que debalde se procuram nos outros. — » E com effeito [como exactamente diz o professor no collegio de França Mr. Gley] esta opinião funda-se em verdade de facto; Virgilio achou no seu proprio talento inspirações para pintar a morte de Niso e Euryalo, a de Pallas e Lauso, os queixumes da mãe do joven amigo d'Ascanio, os presentimentos e a dor d'Evandro, os funeraes dos troianos immolados pelo gladio dos combates, as tristes, mas animosas, palavras d'Eneas ferido a seu filho, o guerreiro que morre lembrando-se da chara patria, a morte de Camilla, a dor de Juturno no momento final de Turno, seu irmão &c. &c. O maior esforço do engenho poetico é ter achado meios de sustentar, com bellezas de differente genero, a comparação com tantas, semeadas pelos seis primeiros cantos: e Virgilio fez isto, superior a si-mesmo, no dialogo de Alecton com Turno, no combate do ladrão Caco com Hercules, e em trinta partes, sempre com a irreprehensivel pureza do mais perfeito escriptor. Quanto ás scenas entre Evandro e o filho d'Anchises, na linguagem do rei velho respira não a lhaneza natural do bondoso Alcino em Homero, mas uma simplicidade adornada com tão delicado gosto, que produz perfectissima illusão. »

Virgilio é felicissimo na propriedade das expressões, na pureza da linguagem, na harmonia do metro, e mais que tudo nas descripções e comparações. Os immortaes quatro livros das Georgicas são cabal prova desta asserção. Nos seus poemas transluzem os conhecimentos philosophicos. Ninguem, como elle, provou a riqueza que a poesia extrahe do commercio intimo com a philosophia moral e racional: mostra igualmente a cada passo o quanto estava senhor do que em seu tempo se sabia das sciencias natu-

raes. Em prosa custará a igualar a magestade, concisão, clareza, elegancia, vigor e harmonia com que o auctor das Georgicas e da Eneida descreve os phenomenos da natureza, a composição do universo, os individuos &c. O imperador Severo chamava-lhe o Platão dos poetas.

Grandissimo é o numero das edições e traducções das obras de Publio Virgilio Marão, ou juntas ao separadas. A edição de Burmanno de 1749 é muito estimada; igualmente a de Barbou: sumptuosas são as do italiano Bodoni e do celebre editor Didot, em folio. Uma ampla bibliographia de Virgilio achar-se-ha na excellente noticia por Heyne, augmentada e correctada por Barbier, na reimpressão do Virgilio do mesmo Heyne por Lemaire. A melhor traducção franceza é a do poeta Delille: o critico Mr. Gley a prefere ás de MM. Mollevaut e Gaston, e diz que é uma injustiça litteraria a preferencia dada á do ultimo para o ensino nos collegios, apesar de que não é destituida de merecimento.

Nós temos a da Eneida por Franco Barreto, fiel quanto se pode ser n'uma traducção d'um poeta latino, feita em verso e em oitava rima; é obra ainda hoje de muito apreço entre os que sabem avaliar estas cousas. Leonel da Costa, o traductor de Terencio, deu uma versão das Bucolicas e Georgicas, tambem em versos que tem o defeito de serem muito prosaicos. Vimos uma traducção da Eneida em metro solto, n'um volume de 4.<sup>o</sup>, foi rapidamente e ha muito tempo, não nos lembra se era do mesmo Leonel. Dos modernos o Osorio, auctor da Alfonsiada, imprimiu com as suas poesias uma traducção das Georgicas, que é uma paraphrase: e o Sr. Dr. Lima Leitão, conhecido por outros escriptos, publicou a sua versão das obras completas de Virgilio, tomando por systema a concisão e escrupulosa fidelidade no trasladar o texto para o idioma patrio: sahiu á luz no Rio de Janeiro em tres volumes. Consta-nos que a Academia das Sciencias possui uma versão inédita das Georgicas pelo seu socio Mendo Trigo. — Já se vê que os portuguezes, que se não familiarisaram com a lingua dos antigos romanos, não estão privados de conhecerem as obras do principe dos poetas latinos.

#### ACADEMIAS PORTUGUEZAS.

##### 3.<sup>o</sup>

#### *Academia Real das Sciencias.*

A FUNDAÇÃO da academia real das sciencias deve-se ao zelo infatigavel do duque de Lafões, tio da rainha a Snr.<sup>a</sup> D. Maria 1.<sup>a</sup> Obrigada por enredos da côrte a sabir de Portugal, perlustrou no espaço de vinte e dois annos toda a Europa, sem exceptuar a Laponia; e havendo tambem percorrido a Turquia e o Egypto voltou a Lisboa no anno de 1779. Penetrado dos mais sinceros desejos pelo bem do seu paiz; e dotado, alem de um espirito cultivado pelo estudo e pratica do mundo, de uma amabilidade que lhe grangeava todos os corações, procurou, apenas chegou á côrte, travar conhecimento com os homens mais distinctos em litteratura, e lhes propoz a formação de uma sociedade permanente, que trabalhasse no progresso das sciencias e illustração do paiz. No fim de alguns mezes de trabalhos e combinações foram appresentados os estatutos da academia a S. M. a rainha que os approvou por aviso de 24 de Dezembro de 1779; sendo o duque fundador, por voto unanime dos seus collegas, reunidos em sessão no 1.<sup>o</sup> de Abril de 1791, nomeado presidente perpetuo da academia, como um testemunho publico de gratidão

d'aquelle corpo litterario, o qual, mais tarde, lhe inaugurou o busto na salla das suas conferencias, feito em marmore, e offerecido pelo academico, e insigne escultor, Joaquim Machado de Castro. O primeiro secretario da academia foi o socio Luiz Antonio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena, grande sabedor das sciencias naturaes, e que prestou áquella sociedade muitos e valiosos serviços. — Continham os primitivos estatutos da academia disposições que por a maior parte ainda vigoram, tendo sido outras posteriormente alteradas, já por diversas resoluções da academia, já pelos estatutos ultimamente publicados. Dividiram elles a academia em tres classes litterarias: a 1.<sup>a</sup> de *sciencias naturaes*; a 2.<sup>a</sup> de *sciencias exactas*; e a 3.<sup>a</sup> de *litteratura portugueza*, definida pela academia, no prologo das suas memorias de litteratura, = *conhecimento da lingua e historia portugueza, consideradas em todos os possiveis aspectos.* — Cada uma destas classes tinha um socio director, eleito por maioria de votos.

Uma resolução tomada em sessão de 13 de Janeiro de 1810 declarou perpetuo o cargo de presidente, podendo só ser occupado pelos principes da casa real portugueza. Compunha-se cada uma das classes de oito socios effectivos; estando na alçada da academia admittir como socios, d'entre os seus correspondentes de numero, alguns sujeitos habeis, em numero de doze para cada uma das classes, com a denominação de *socios livres*, ou *supranumerarios*. Cumpria a estes individuos appresentar annualmente alguma memoria scientifica, ou qualquer outro testemunho da sua applicação litteraria. Eram doze os socios livres, e deviam ser pessoas condecoradas com as maiores dignidades e empregos do estado, e ornadas de intelligencia e notoria instrução em alguma das materias de que a academia se occupava: o patriarcha de Lisboa, e os ministros, eram, e são, membros natos da mesma. Havia tambem em cada classe dois logares de socios veteranos, dados aos que tivessem servido a academia por muito tempo, e com decidido prestimo. Igualmente se recebiam como socios, até o numero de doze, quaesquer estrangeiros, insignes pelas suas letras, embora residissem fora de Portugal; e nessa qualidade foi admittido o celebre Benjamin Franklin, então ministro plenipotenciario dos Estados Unidos, junto á côrte de França, M. D'Alembert, e varios outros estrangeiros, illustres pelo seu saber. Os socios correspondentes, não excediam o numero de cem; e ninguem obtinha este titulo sem antes haver composto alguma obra notavel, ou appresentado á academia qualquer memoria que esta approvasse. Davam tambem aquelles estatutos á academia um secretario, e um vice-secretario, um thesoureiro, e um guarda-mór, a quem pertencia a inspecção da livraria, officina typographica, gabinete de physica, medalheiro, museu, e demais estabelecimentos.

Cumpria aos socios effectivos, livres, e correspondentes dar conta todos os annos á academia dos seus trabalhos litterarios. Nas sessões publicas lia o secretario o relatorio do estado da sociedade, dos seus progressos desde a ultima sessão, e das noticias academicas que em geral podessem interessar aos assistentes. Publicava-se depois o programma para as memorias de concurso, e o juizo que a academia já tinha feito sobre as que concorreram ao programma antecedente. Não havia dias determinados para as sessões publicas, dependendo estas de varias circumstancias politicas e economicas. Em todas as 4.<sup>as</sup> feiras se reunia assemblea semi-publica, ou litteraria, bem como nas 5.<sup>as</sup>, assembleas particulares de *effectivos*, ou de *conselho*, aonde se tratavam dos ne-

gócios litterarios e economicos da sociedade. O premio concedido pela academia ao individuo que satisfazia ás indicações do programma, consistia ordinariamente n'uma medalha de ouro no valor de 50 \$ 000 réis; porem distribuia outros, para objectos de menor monta, que constavam d'uma medalha de prata, do mesmo tamanho e cunho da de ouro. Em quanto ao governo economico da academia e aos seus meios pecuniarios, consistiam estes no producto da terça parte da loteria estabelecida por decreto de 18 de Novembro de 1783, a qual, sendo interrompida, lhe assignou o principe regente a dotação annual de 4:800 \$ 000 réis paga pelo subsidio litterario. Esta quantia tem constantemente sido votada pelas côrtes, nas verbas do orçamento, para as despezas da academia. Tambem o alvará de 22 de Março de 1781 determinou que as edições de quaesquer obras mandadas imprimir pela academia fossem privilegiadas por dez annos, concessão que tinha, todavia algumas excepções; e o aviso de 30 de Junho de 1795 a auctorisava para nomear pessoas que julgasse idoneas para se empregarem no descobrimento e arrecadação das lapidas e inscripções achadas em qualquer das provincias do reino; assim como proceder ás excavações necessarias, sem prejuizo de terceiro, para a busca de alguns monumentos historicos.

Em aviso de 13 de Maio de 1783 declarou-se S. M. a rainha, protectora da academia, permittindo-lhe usar do titulo de *Real*; e por essa occasião mandou a academia cunhar uma medalha que tinha de um lado a figura de Minerva com as armas reaes de Portugal em frente de uma figura coroada, que lhe offerece uma corôa de louro, e por baixo a era de MDCCLXXX; no reverso da mesma medalha lia-se a seguinte inscripção

*Maria. Augusta.  
Lusitanorum. Regina.  
Fautrici. et. Ornatrici Sux  
Academia. Scient. Olisip.  
Regio Aucta Ære  
Et Nomine.*

Os primitivos estatutos da academia teem sido duas vezes reformados: a primeira, por decreto de 15 de Outubro de 1834, que approvou os estatutos pela mesma appresentados, nos quaes a classe de litteratura passou a denominar-se *classe de sciencias moraes e bellas lettras*; e a segunda, pelo decreto de 15 de Abril do corrente anno confirmando os novissimos estatutos da academia, com treze capitulos e oitenta e seis artigos. Conservam as tres classes de — *sciencias exactas, sciencias naturaes, e sciencias moraes e bellas lettras*: — determinam que d'ora em diante só possam ser admittidos a *socios honorarios* os principes da familia real portugueza, e os soberanos e principes estrangeiros com quem a academia quizer ter essa contemplação: declaram perpetuos os logares de secretario, vice-secretario, e guarda-mór; e dispoem que na primeira Quarta feira de cada mez haja sessão de conselho; na terceira, sessão de effectivos; e nas outras quartas feiras sessão litteraria: em tudo o mais pouco differem dos primeiros estatutos, deixando em pé as suas principaes disposições.

A academia real das sciencias, que adoptou por divisa a epigraphe tirada de Phedro, *Nisi utile est quod facimus stulta est gloria*, (vaã é a gloria senão é util o que fazemos) tem feito, no desempenho do seu programma, importantes serviços á litteratura. Não affirmaremos, comtudo, que levou a cabo quanto podia, e era de esperar da reunião de tantos homens abalisados; pois que, o dictionario da lingua portugueza do qual só publicou o 1.º tomo em 1793, com-

prehendendo tão sómente as palavras da letra A, seria um padrão levantado á sua sabedoria, se entre os seus membros não lavrasse tão cedo um quebra-mento d'animo e a indifferença, que deixou na nossa litteratura tão feia lacuna.

A academia tem proseguido, com pequenas interrupções, na publicação das suas composições litterarias, que começou a estampar em 1792. Entre muitos escritos interessantes que deu á luz, occupam emmente logar os oito tomos das memorias de litteratura em que muito avultam as memorias sobre os antigos povos da Lusitania, de Antonio Caetano de Amaral, o primeiro escriptor portuguez, que tomando por fundamento principal da historia a legislação d'aquelles tempos a reduziu, não a um mappa chronologico de diversos acontecimentos, mas a um quadro moral e politico, contendo as alterações e vicissitudes por que passaram os povos da Lusitania á medida que nelles iam penetrando os raios de civilisação. Não é menos preciosa e digna de ler-se a *Analyse e combinação philosophica sobre a elocução*, e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Luiz de Camões, que vem no 4.º tomo das ditas memorias, e escrita pelo poeta e grande critico Francisco Dias Gomes

. . . . . cuja lyra sonora  
Foi mais affamada que ditosa:

O ensaio sobre a philologia portugueza por meio do exame e comparação da locução dos nossos mais insignes poetas, de Antonio das Neves Pereira, publicada no 5.º tomo: as interessantes e eruditas memorias ácerca da litteratura sagrada dos judeus; sobre a historia da typographia portugueza; sobre a origem da poesia portugueza, e varias outras, todas de summo gosto e curiosidade, escritas por Antonio Ribeiro dos Santos, merecem, em quanto a nós, ser lidas por quem tiver bom gosto em materias de litteratura. Não é menos importante e curiosa a colleção em folio das *memorias da academia*, de que ha já 12 volumes que abrangem tambem a historia academica nos discursos dos secretarios, elogios dos socios fallecidos, programmas e outros documentos. Acerca dos tres primeiros, que começam por uma memoria sobre a solução de um celebre problema de Kepler, pelo insigne academico e mathematico, José Monteiro da Rocha, e que são quasi exclusivamente dedicados a sciencias exactas e naturaes, diz um distincto escriptor estrangeiro que se d'*Alembert* tivesse lido só o primeiro delles acharia que as *formas substanciaes, e accidentes absolutos* haviam sido inteiramente banidos de Portugal: os outros tomos, alem de varias memorias sobre aquellas sciencias, contem varios elogios historicos, e memorias escritas pelos socios Stockler, Sebastião Francisco Mendo Trigoso, Francisco Manuel Trigoso, M. J. M. da Costa e Sá, patriarcha eleito, e por differentes outros academicos que deram assim valiosos subsidios para a historia e litteratura portugueza, e provaram á Europa que as sciencias tinham em Portugal dignos cultores.

*(Concluir-se-ha).  
M. J. M. T.*

O QUE é a experiencia humana?.. — É a memoria de muitas cousas e successos.

*Tâmaras.* — No Egypto esta fructa é almotaçada, isto é, taxa-se-lhe o preço conforme a estação e a qualidade. Do Oasis do deserto vem annualmente a esta região cinco a seis mil cargas de camello deste fructo das palmeiras.